



RESENHAS





LAVERDI, ROBSON. *TEMPOS DIVERSOS, VIDAS ENTRELAÇADAS: TRAJETÓRIAS ITINERANTES DE TRABALHADORES NO EXTREMO-OESTE DO PARANÁ*. CURITIBA: AOS QUATRO VENTOS, 2005. 341P.

Rosângela Petuba*

A questão das migrações nunca cessou de inquietar historiadores e outros estudiosos das ciências humanas. Elas têm se constituído num importante tema para se pensar a sociedade brasileira contemporânea e seus desafios. O problema migratório não é novo no país, mas a partir da década de 1950, com o processo vertiginoso de urbanização, vai se acirrando e ganhando notoriedade nos meios de comunicação, nas preocupações governamentais e acadêmicas. As migrações foram comumente abordadas como decorrência do crescimento dos centros urbanos brasileiros, do desenvolvimento do capitalismo no campo, do problema habitacional ou da mão-de-obra para as indústrias. Os trabalhos abordaram também o acirramento da pobreza, exclusão social, marginalidade, prostituição, bem como a falta de infra-estrutura nos centros urbanos para atenderem as demandas provenientes dos fluxos migratórios. Depois, seguindo um debate que desde a década de 1980, buscava redirecionar os estudos históricos no Brasil, enfatizando uma preocupação historiográfica interessada em problematizar os modos de vida dos trabalhadores rurais e urbanos no cotidiano de suas vivências, buscando apreender os significados dessas trajetórias em sua singularidade, sem transformar esses sujeitos sociais em novos heróis, vilões ou vítimas da macroestrutura¹¹ abriu-se a possibilidade de também repensar os estudos sobre as migrações como um processo histórico que abrangia muito além de simples deslocamentos espaciais de pobreza ou de mão-de-obra barata cujos efeitos eram demonstráveis na mudança dos dados estatísticos e demográficos brasileiros. Vários autores² se propuseram a refletir sobre as migrações como um fenômeno histórico que envolvia homens, mulheres, crianças, famílias inteiras de trabalhadores em busca de alternativas de trabalho, moradia, estudo, dignidade; construindo trajetórias marcadas por um sentido protagonista e que só ganhavam significados à luz das experiências dos próprios sujeitos nelas envolvidos e cuja mobilidade redesenhavam os quadros sociais do país.

Ao dialogar com as migrações no Extremo-Oeste do Paraná nas décadas de 1970-1990, como trajetórias sociais itinerantes e inconclusas de trabalhadores, o livro “*Tempos Diversos, Vidas Entrelaçadas*” fruto da tese de doutorado de Robson Laverdi, se insere nessa perspectiva de trabalho historiográfico, pro-

porcionando fecundas reflexões aos interessados em dialogar com temas referentes ao trabalho, à cidade, à cultura e aos modos de vida dos trabalhadores, suas experiências, suas memórias, bem como ao desafio de construir pesquisas de fôlego que tenham um aporte expressivo nas narrativas orais e nos trabalhos da memória.

Segundo o autor, o livro nasceu da preocupação de historicizar os processos sociais da afirmação de um “outro” ou “de fora” constituintes das experiências de trabalhadores que migraram para o município de Marechal Cândido Rondon, localizado no extremo oeste do estado do Paraná, próximo da fronteira com o Paraguai, nas décadas de 1970 a 1990. Aliás, essa situação de ser “de fora”, foi vivenciada como um certo estranhamento pelo próprio pesquisador, chegado à cidade em 1997, que se inquietou, sobretudo, com a insistência das vias institucionais públicas e privadas locais em reafirmar a predominância da identidade alemã, inclusive por intermédio de projetos e leis municipais, como uma dimensão exclusiva de sua formação populacional. A estruturação dessa memória se apresentava calcada em versões românticas da colonização que fora realizada pela Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A – MARIPÁ, ocorrida nos anos 1950 e 1960 do século XX. Instigado pela observação de que na periferia da cidade havia um universo comum de trabalhadores pobres e de trajetórias migratórias variadas, complexas e inconclusas, cujas demandas eram fortemente marcadas pela luta por trabalho e pela sobrevivência social e material, Laverdi orientou sua pesquisa, amparado no trabalho com a História Oral, no sentido de historicizar os significados e as dinâmicas sociais narradas por esses migrantes, até então obscurecidas pela historiografia e ausentes da memória hegemônica local e regional.

O primeiro capítulo “*O passado colonial e a construção do outro*”, tem como objetivo fundamental compreender a dinâmica dos processos de estruturação da memória oficial em torno do projeto de germanização e da construção de uma identidade única alemã na cidade de Marechal Cândido Rondon, bem como entender o rescaldo dos projetos dominantes para o viver dos trabalhadores reconhecidos como os “outros” na composição do tecido social. O autor dialoga com a historiografia produzida no circuito regional do Oeste do Paraná e observa que os trabalhos produzidos sobre a cidade nas décadas de 1950-60, reafirmaram a construção do espaço colonial (pequena propriedade de terra ocupada pelos trabalhadores europeus e sua descendência) como o núcleo fundamental da formação urbana, a mitificação desse passado colonizador e a legitimação do processo de seletividade do elemento humano alemão ou italiano, destaca ainda a produção de um consenso sobre a fronteira e as tradições inventadas em torno da germanidade da cidade. Conclui afirmando que essas referências sobre os “ou-

tros” permaneceram como atributos poderosos de classificação dos que não se enquadravam na paisagem social aspirada pela Colonizadora MARIPÃ e nos projetos dominantes que lhes sucederam.

No segundo capítulo, “*Por um mapa de itinerâncias*”, há um mapeamento dos itinerários dos trabalhadores permeado pela discussão sobre os significados da migração para o viver urbano em Marechal Cândido Rondon depois de 1970. Trabalhando com fontes estatísticas sobre os números migratórios oficiais, o autor discute criticamente a abordagem demográfica dos processos migratórios na região apontando que mesmos nesses dados já se podia perceber a presença diversificada de trabalhadores de diferentes regiões do país. Segundo Laverdi a supervalorização do papel da colonização empreendida pela MARIPÃ e a de alguns colonos sulinos envolvidos nesse processo contribuiu nublar a presença dos que haviam participado desse processo sobre outras formas de trabalho para além do tradicional regime de colonato, caso de trabalhadores parceiros e agregados. O eixo de análise empreendida neste capítulo visa historicizar as tramas das trajetórias lembradas pelos migrantes oriundos de diversos lugares e chegados em tempos diferentes, inclusive de trabalhadores gaúchos e catarinenses migrados para a cidade durante e depois da colonização, cujas presenças muitas vezes eram lembradas apenas para ratificar as versões dominantes.

Nessa linha ele constrói seu terceiro capítulo “*Memórias dos Estranhamentos*”. Para o autor os significados da migração precisam ser considerados como importantes na interpretação das diferentes expressões de estranhamentos lembrados pelos migrantes. Assim, neste capítulo são trabalhadas as lembranças sobre as dificuldades enfrentadas no novo viver urbano, na incompreensão dos dialetos alemães falados na cidade, muitas vezes com a clara intenção de excluir os de “fora”, a adaptação ao clima, a desconfiança enfrentada na hora arrumar emprego ou alugar a primeira casa na cidade, a dificuldade na realização de matrimônios entre “os fora” e os “do lugar”, a convivência com o racismo velado ou explícito, por exemplo, na referência ao bairro dos trabalhadores migrantes como o Planeta dos Macacos, a delimitação de certos ofícios como sendo serviços próprios para negros, (o trabalho de carregador de sacos na Cooperativa da cidade) o estranhamento às formas de alimentação, por exemplo, o consumo coletivo de chimarrão, o enfrentamento aos estereótipos e tantos outros sentidos pejorativos inclassificáveis das imagens oficializadas.

Para concluir no quarto capítulo “*Trabalho e Inserção Social na Fronteira*”, o foco se centra na importância atribuída ao trabalho pelos migrantes em suas memórias. O autor busca mapear o universo dos ofícios e/ou profissões desempenhadas, pois os depoentes em suas memórias apontam o trabalho como um forte fator de inserção social em suas lutas de enraizamento. A partir de

perspectiva Laverdi historiciza algumas mudanças ocorridas nos mundos do trabalho e na vida social da fronteira. O capítulo dialoga com as experiências dos sujeitos, que migraram para as pequenas cidades da região abandonando o campo e os afazeres cotidianos nas lavouras de subsistências e arrimo familiar, dos trabalhadores agregados, parceiros, porcenteiros ou assalariados que sobreviveram como lavradores desde os tempos da colonização e por último daqueles que chegados em tempos diferentes já migraram na condição de trabalhadores urbanos. Analisa as diversas maneiras pelas quais foram vivenciadas e significadas as experiências com o trabalho informal, o aprendizado de novos ofícios, o desaparecimento de antigos modos de trabalho como o cultivo familiar de hortelã para produção de óleo, ou o trabalho com carroças e venda de lenha a domicílio; as experiências na organização sindical. Além disso, capítulo também problematizou o processo de desregulamentação, precarização, informalidade, desemprego e subemprego vivenciados pelos migrantes no processo de enraizamento. Vale também ressaltar as expressivas entrevistas com as mulheres e com os filhos já adultos desses trabalhadores que migraram a partir dos anos de 1970, pois estas trazem em suas narrativas as imagens de um mundo pontuado pela pobreza, pela privação, pelas lutas de sobrevivência, mas também pelas conquistas materiais de trabalho e moradia, pela inserção social através da participação em suas comunidades: igrejas, associações de bairro, sindicatos entre outros.

Em linhas gerais o texto não se dispôs a discutir com a memória oficial e sim trabalhar com a heterogeneidade de memórias que geram pressões e reelaborações na mesma, buscando não só apresentar novas versões sobre a composição da paisagem social do Oeste paranaense nas últimas três décadas do século XX, mas também apreender a riqueza de significados desses processos para os trabalhadores itinerantes e a maneira pela qual vivenciaram, como sujeitos sociais em transformação, as migrações e os mundos do trabalho nas interseções do rural e do urbano. Porém, a opção em trabalhar quase que exclusivamente com depoimentos orais tornou o texto, em muitos momentos, repetitivo. O recurso a outras fontes produzidas no período, jornais, revistas, imagens, além das fontes estatísticas utilizadas no trabalho, poderia ter ampliado o leque de problemáticas e permitido um contraponto ainda mais interessante entre os trabalhos de memória dos depoentes e as versões oficiais produzidas sobre o tema na região. Acredito, porém, que esse tenha sido um risco conscientemente assumido por Laverdi, pois o trabalho de escrita que percorre o livro é marcado pela maneira como o autor vai demonstrando os caminhos tortuosos da pesquisa, suas indecisões e incoerências apontando um processo de trabalho inerente ao ofício do historiador no qual o alargamento das perspectivas é construído por dentro, nas

próprias inquietações inerentes à problemática. Para quem se interessa pelo tema, é sem dúvida, uma leitura que vale a pena ser feita.

NOTAS

¹ PRAVAZ, S. *Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.

³ Ver COSTA, Rovílio; MARCON, Italo. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1988. A Editora da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes – EST, de Porto Alegre, ainda mantém a mesma proposta editorial, com a publicação de numerosos títulos relacionados ao tema. Ver também uma publicação bilíngüe recente: COSTA, Rovílio (org.). *Cultura Italiana: 130 anos – Cultura Italiana: 130 anni*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

⁴ Como falar da mulher italiana (nascida no Brasil), se os próprios italianos afirmam que “o italiano” (ainda) não existe?

⁵ A perspectiva da obtenção de rápido sucesso material era tão forte que a bibliografia da emigração refere até que uma camponesa, pouco antes de partir, fez vender os poucos bens familiares para comprar chapéus e luvas, porque no Brasil seria *signora* (uma dama).

⁶ Nenhum/a depoente conseguiu expressar em palavras o intenso processo que abalava as estruturas do mundo rural europeu da segunda metade do século XIX, frente ao aprofundamento e a expansão do modo capitalista de produzir, acompanhado da ideologia do nacionalismo, ambos fatores de expulsão de milhões de camponeses para as cidades ou para outros países, como o Brasil, a Argentina ou os Estados Unidos. Diante de seu pensamento simplista de olhar a realidade, os efeitos assumiam o lugar das causas.

⁷ Veja-se que o termo “italiano” significa ser proveniente da Península Itálica, dado que sua identidade e sua identificação se fazia a partir da aldeia natal, de origem, e não com o Estado italiano constituído em 1870.

⁸ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p. 7-8. Vários depoentes referiram à necessidade de emigrar para fugir do domínio da família de origem. As mulheres, da sogra.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, p.14-15.

¹⁰ Idem.

¹¹ PRAVAZ, S. *Op. cit.*, p. 21.

¹² Idem.

¹³ PRAVAZ, S. *Op. cit.*, p. 20-21.

¹⁴ PRAVAZ, S. *Op. cit.*, p. 21-22.

¹⁵ Por vezes, revelam algumas depoentes, doenças inexplicáveis, dores disseminadas, também serviam de alibi para fugir do cumprimento das exigências familiares.

¹⁶ Em GIRON, Loraine S; BERGAMASCHI, Heloisa. E. *A força das mulheres proprietárias: histórias de vida – 1875-1975*. Caxias do Sul: Educs, 1997, os autores analisaram uma longa série de documentos da Intendência de Caxias do Sul e concluíram que, apesar e acima do discurso vigente, muitas mulheres foram comerciantes, hoteleiras, carreteiras, leiteiras, padeiras e até empresárias e arrimo de família, diante da impossibilidade masculina de assumir tais papéis – por doença do marido, por abandono do lar ou pela minoridade dos filhos.

¹⁷ Sorrindo maliciosamente, um depoente afirmava que “antes do casamento, a gente se dava um beijinho, mas depois se pintava o sete”.

¹⁸ Um depoimento curioso e original é revelador: a entrevistada afirmou que em sua camisola de núpcias estava bordada a inscrição: “Lo faccio io per amor a Dio” (Faço [sexo] por amor a Deus).

¹⁹ Do conjunto das entrevistadas, apenas uma (e, não por acaso, a mais nova do grupo) declarou ser “briguenta”, não se submetendo às exigências, fosse do pai ou dos irmãos. Foi a única também que revelou ser mãe solteira, por vontade própria. Evidentemente, foi discriminada pelos familiares.

²⁰ ALMEIDA, C. C. A caixa de Pandora: um olhar sobre os mitos e os medos na representação da mulher. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, 1990, n. 16, p. 67-80.

²¹ Outra depoente declarou virar contra a parede um quadro com a imagem de Cristo pendurada diante da cama do casal, além de usar o tempo para planejar o cardápio para o almoço do dia seguinte, toda vez que o marido a procurava sexualmente. Absurdo? Pelos padrões comportamentais vigentes, podia constituir-se em discurso auto-elogioso de pureza, de recato, de inocência.

²² Desavenças entre vizinhos por questões de terra eram freqüentes e às vezes fatais. A simples possibilidade de união conjugal entre jovens pertencentes a famílias inimigas podia levar ao internamento, em conventos ou em estabelecimentos psiquiátricos, das jovens mulheres que ousassem transgredir. Os prontuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre, registram numerosos casos de exclusão e confinamento por esse motivo.

²³ ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. *Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁴ GIRON, Loraine S.; BERGAMASCHI, Heloisa. *Op. cit.*

²⁵ Entre elas, minha avó paterna, viúva aos 30 anos e com quatro filhos menores.

²⁶ “Só saio de casa com brincos, batom e perfume!” (T. A. E).